

A Etnomedicina das Mulheres Outsü ou Xamãs da Etnia Wayúu ou guajira: sua vigência

Maria Alejandra Rosales Vera*

A etnia *wayúu* se encontra situada ao nordeste da Colômbia e ao noroeste da Península da Guajira na Venezuela. O território tradicionalmente ocupado pela etnia é dividido politicamente entre Venezuela e a Colômbia e constitui geograficamente a prolongação mais setentrional da América do Sul. Atualmente é a etnia indígena maior da Venezuela. Eles falam a língua *wayuunaiki* da família lingüística arawak e têm um significativo número de pessoas *wayúu* na cidade de Maracaibo, capital do Estado de Zulia, formando grandes bairros guajiros urbanos.

A etnia indígena *wayúu* ou guajira tem uma organização social dividida em clãs matrimoniais que explicam a enorme importância outorgada à mulher em sua sociedade. Particularmente no saber tradicional da cultura *wayúu*, a mulher xamã ou *outsü* - como elas mesmas se chamam quando falam em sua língua - domina o rico e misterioso universo das práticas médico-mágico-religiosas, onde as plantas medicinais -junto a outros elementos mais adiante mencionados - com freqüência pertencem à esfera do mágico e do sagrado. Elas só as conhecem e as aplicam mediante indicações de seres "sobrenaturais" ou espíritos aliados, aparecidos em seus sonhos. Estes espíritos são reveladores da doença, da cura e do destino do paciente.

Como se vislumbra, toda a pesquisa se centra fundamentalmente na vigência do conhecimento tradicional destas mulheres especialistas em conhecer e analisar as diferentes práticas curativas, conferindo-lhes formas particulares a seu procedimento. Este tipo de trabalho exige -inclusive dentro de nossas limitações - um esforço interdisciplinar, em que convergem disciplinas científicas, junto à etnomedicina e à etnobotânica. A metodologia utilizada está basicamente dirigida à análise qualitativa da informação testemunhal de campo e bibliográfica, quando ferramentas como as entrevistas em

* Professora substituta no Departamento de Antropologia da UFRR

profundidade e a observação participante são imprescindíveis. Igualmente se aplicam técnicas e metodologias próprias da etnobotânica medicinal.

Ao falar da arte curativa das mulheres *outsü* ou xamã *wayúu*, referimo-nos a uma medicina centrada na observação e interação direta com o paciente em toda sua plenitude: no espiritual, psíquico e corporal. Além do âmbito natural e evidente, a doença também é entendida dentro de um aspecto religioso e “sobrenatural”. Se a causa da doença é a “interrupção da relação harmoniosa” com algum espírito, ou com algum elemento de sua unidade biológico-sócio-cultural, o paciente se curará tentando reconstruir a comunicação através de oferendas ou desculpas. Mas se a causa é de tipo “natural”, a mulher xamã procurará as plantas e ervas medicinais para realizar as cerimônias necessárias para curá-la. Para este tipo de racionalidade, o corpo humano é percebido como uma síntese de um conjunto de interações, as quais transcendem o espaço biológico, não se tratando de uma máquina decomponível com possíveis defeitos.

Parece-nos importante sublinhar que a medicina praticada pelas mulheres *wayúu* ou guajiras, em geral ultrapassa o estritamente tradicional. Esta cultura ancestral e rica tem tido uma série de modificações e adaptações através do tempo, não só entre outras etnias indígenas, mas também à raiz do contato com o mundo ocidental. Com certeza, muitas vezes se perde grande quantidade de conhecimentos, costumes e tradições neste constante e inevitável impacto ou troca de culturas diferentes. Além disso, é verdade que outras vezes acontece o fenômeno contrário de índole mais criadora. O contato e a novidade que causa esta interculturação pode fecundar e originar novos conhecimentos e manifestações, enriquecendo ambas culturas. Achamos porém que a tradição não se esgota em si mesma, e portanto sua vigência. Esta última se renova o tempo todo e se adapta aos novos acontecimentos através de sua própria história como povos etnicamente diferenciados.

Importância das Mulheres *Outsü* na Sociedade Guajira e em sua Medicina Tradicional.

Conforme a tradição oral *wayúu* ou guajira, “o que contam os velhos...” A origem dos homens foi a partir de outra geração de seres e também de fenômenos naturais, como a Terra (*Mmá*), a Chuva (*Juyá*), a Lua (*Kashi*), o Sol (*Ka-i*), o Vento (*Jóutai*), as Estrelas

(*Shilwala*), a Obscuridade (*Pi' yuúshi*), o Mar (*Paláa*) e o Tempo (*Weinshi*). O Sol concordou com a Lua, a Chuva e o Vento, para que cada um deles tivessem uma função específica no processo das origens. Os conflitos e brigas foram resolvidos internamente. *Juyá* ou a Chuva conheceu uma mulher, a Mãe-Terra (*Mmá*) que o seduziu. Ele a fecundou e a fez sua mulher. Ao juntarem-se a Chuva e a Terra produziram uma transformação dos primeiros seres em outros, como as plantas, que são irmãs dos guajiros. Cada vez que chove na extensa Guajira, acontece de novo esta fecundação. A terra então de novo gera a vida, fecunda.

Os *wayúu* nasceram dessa união. Nesse momento tão sagrado e importante para todos os guajiros, quando *Mmá* teve seus primeiros filhos, ela se transformou na Terra como hoje a conhecemos, para existir sempre, parindo, nutrindo e voltando a ter filhos. Antes de converter-se em solo, em terra. *Mmá* falou muitas palavras, dando nomes a todos seus filhos. Diferenciou-os a partir de sua carne (*e'irukuu*). Ela dizia: se chamarão *wayúu* e se diferenciarão por sua carne que continuará por gerações e gerações a partir da mulher. O que chamamos de clãs é os *e'iruku*, que até hoje há continuado como uma forma de organizarem-se social e culturalmente. Então, a cada mulher guajira que emergia de suas entranhas, *Mmá* lhe atribuía um nome; tu serás *Ipuana*, você será *Juúsayuu*, você *Aápüshana* e assim todos os demais clãs.

Como podemos evidenciar no mito anterior *wayúu* sobre suas origens, a organização social guajira é em clãs matrilineares, que além de explicar nos faz entender a enorme importância concedida à mulher em sua sociedade. Particularmente no saber tradicional da cultura guajira - neste caso suas práticas médico-mágico-religiosas - ela conhece e pratica a arte de curar.

Por outro lado, desde seus inícios a mulher há cuidado sempre de suas doenças, próprias de sua condição fêmea, de sua natureza. As plantas, suas grandes aliadas, têm provido alívio e cura aos diferentes processos biológicos exclusivos delas, como o parto, as dores da menstruação, a gravidez, o controle da fertilidade, da esterilidade, do aborto. Tudo isso constitui objetos de conhecimentos necessários para as mulheres, além de procurar alívio e cura a filhos, esposos e familiares.

Muitos dos trabalhos de pesquisa etnomédicos conhecidos coincidem em assinalar a mulher como a primeira que cultivou plantas medicinais e alimentícias. Este tipo de prestígio sócio-mágico-religioso da mulher fez que se manifestasse algum predomínio cultural dela em muitas culturas minoritárias, já que a mulher foi relacionada sempre ou quase sempre com a mãe-terra ou algum símbolo equivalente. Assim, mulher e vegetal intimamente juntos, asseguram a sobrevivência da primeira, aliviam dores e curam males, incluso aqueles de índole “sobrenatural”, incansáveis e incompreensíveis para outros.

Podemos dizer que para muitas culturas ameríndias, e em particular para a *wayúu*, a Terra representa sua mãe; mãe geradora de vida e bem estar. Dela se originam os homens, frutos e medicamentos para curar males e doenças do corpo, mente e espírito. Para os guajiros, essa íntima relação parental com sua mãe-terra se assemelha a relação mãe-filho de sua cultura. Talvez aí resida a importância tanto de ordem social como econômica, cultural, religiosa e até política da mulher. Não é exagero dizer que para uma sociedade de organização matrilinear, seu papel é fundamental para a transmissão de todos seus saberes e costumes. Ela é portadora de vida, garante a continuidade de sua linhagem, formadora de valores éticos, morais e culturais de seu povo e possuidora de uma rica sabedoria médica ancestral.

A Mulher *Outsü* ou Xamã *Wayúu*.

As mulheres *outsü* tomam em conta para seus diagnósticos e tratamentos a totalidade da pessoa, do paciente. Geralmente não se interessam somente nos sintomas. A elas lhes importa sanar o corpo, a mente e também o espírito. Essas informações são transmitidas de geração em geração, de forma oral, e é comum que seja de avó para a mãe, de filhas e netas. Outras vezes seu saber e a certeza de sua profissão são adquiridos através de sonhos premonitórios, onde se ensina à futura xamã - eleita pelos espíritos *wanülüü* - como se deve de agora em diante praticar este ofício.

Mediante os sonhos ou em contato com espíritos será indicado para a xamã ou *outsü* o diagnóstico, ou tratamento e a cura que deve realizar nos pacientes, dependendo do problema ou tipo de doença. Às vezes, suas terapias envolvem com preparação e aplicação de ervas e plantas medicinais, que geralmente elas mesmas colhem, preparam e inclusive, em alguns casos, cultivam.

O espírito ou os espíritos se manifestam na aspirante mediante doenças repentinas, convulsões, fortes dores corporais, às vezes até chegando a ter perda do conhecimento. Nesse momento, a *outsü* pode estar segura de que foi eleita para a arte de curar tradicional de seu povo.

O cheiro dos espíritos *Wanülüü* é nauseabundo, fétido. Presume-se que o mais bravo deles se apresenta em forma de ave silvada ou *Uchii evijay*, completamente desconhecido e etéreo. O silvo deste animal é aterrador. Segundo os *wayüu*, só nos dias de grandes chuvas aparecem nas noites, e somente é visto por aqueles que irremediavelmente vão morrer. Há muitos tipos de *Wanülüü*. Existem os perigosíssimos e também os benignos. Um *Wanülüü* pode revestir-se de diferentes formas para prejudicar as suas vítimas. Pode apresentar-se na aparência de uma serpente, de um cão preto, um veado, um inseto ou uma ave qualquer. Pode ser *Pulowi* que retumba na distância do trovão, um vento fugaz e violento, uma sacudida de terra ou um frio gelado. Sempre está prevenido de arco e flecha para flechar e atingir suas vítimas, ou seja, para arremessar seus males.

As mulheres *outsü* devem respeitar certas regras ou tabus referentes ao sexo, a sua alimentação e aos objetos que têm recebidos como pagamento por suas curas. Este tipo de especialista não deve ter relações sexuais, inclusive se sua iniciação como xamã ocorrer depois que estiver casada. O tabu alimentício refere-se à proibição de comer carnes e alguns alimentos enquanto se está levando a termo a cura ou tratamento. Também está proibida de comer animais que têm recebido como pagamento de seus pacientes ou a carne de animais sacrificados. Os objetos recebidos como pagamento por seu trabalho, ela não pode usá-los diretamente para seu benefício. Esta os guarda para dar de presente a seus familiares ou são repartidos depois de sua morte, seguindo as próprias leis da herança que regem à sociedade guajira. É importante realçar que a arte das mulheres *outsü* não implica necessariamente na posse direta do conhecimento relativo ao valor medicinal de cada planta. Elas afirmam que esse conhecimento chega a ser, graças a espíritos aliados que são os verdadeiros mandantes que revelaram o diagnóstico e a cura do paciente na cerimônia ou ritual da mulher xamã.

A característica fundamental deste personagem é que possui um poder especial entre os dois mundos: o dos vivos e o dos mortos. Esta dupla condição depende principalmente de dois feitos importantes.

Primeiro, o de sua condição evidentemente de pessoa mortal como todos os demais *wayíu*, e segundo pela eleição dos espíritos que fizeram dela uma xamã. O desempenho de suas funções como “médica” está determinado por e para os espíritos aliados, e ela converte-se apenas em uma intermediária entre ambos os mundos.

Período de Iniciação da Aspirante a *Outsū* ou Xamã.

O mais freqüente em quase todos os códigos das práticas médico-mágico-religiosas é que a aspirante cobrará consciência de seu saber, de sua personalidade e exercício de seus poderes através de uma iniciação, pois para que ocorra uma plena validação social por parte de seu grupo não é suficiente os indícios de uma vocação natural. A aspirante morrerá de algum jeito, em sua condição humana ordinária cotidiana. Ao converter-se em xamã implica em transformar-se em outro ser muito diferente e poderoso à vista dos demais de seu grupo.

Os elementos rituais e simbólicos de toda iniciação são variados e complexos. Ações, objetos e ritos se misturam em harmonia e coerência para formar uma imagem diferente ao comum das pessoas. O retiro, a capacidade de serem “sonhadoras”, a solidão, o jejum e outros, simbolizam fratura com seu passado e condição humana.

A futura aspirante a xamã encontra-se doente durante vários dias até que finalmente se dá por vencida e convencida e aceita seu novo destino, agradando-lhe ou não e a seus familiares, que deverão ajudá-la, procurando uma mulher *outsū* já experimentada e que, ademais, goze de prestígio dentro de sua comunidade. Esta última ficará isolada por um tempo, às vezes prolongado, com a aluna já transformada em “noviça”, e as duas não poderão sair ou ingerir alimentos duros. Durante este tempo fora da casa de onde está o paciente e a xamã, dança-se a “*yonna*”, oferece-se comida e bebida aos convidados da aspirante.

A mestra se sentará em um assento zoomorfo de madeira chamado por eles de *tulu*, em sua cabeça levará um chapéu ou *uwomū* de cor vermelha e em sua mão um maracá ou *isira*. A xamã dividirá com a aspirante um rolo de tabaco concentrado. Então, elas deverão mastigá-lo até tragar o suco do tabaco, que as farão vomitar e enjoar. A *outsū*-mestra entoará uns cantos que lhe ditarão seus espíritos aliados. Com estes cantos os espíritos lhe revelarão se a aspirante

possui verdadeiras condições para ser uma boa xamã. Depois de um tempo, quando há certeza de que pode ser xamã, a mestra lhe indicará o que deverá fazer, o que deverá levar como objetos ritualísticos e de “poder” em cada cura. Ela lhe advertirá a não ter relações sexuais a partir desse dia, não pegar os bens que seus espíritos requererão como pagamento de suas curas e lhe dará conselhos todos os dias até que culmine o preparatório de iniciação.

Ao término da iniciação da aspirante, os espíritos da xamã-mestra lhe ordenarão um sacrifício em sua honra, uma cabra ou uma rês. Este será oferecido aos convidados do ritual numa grande festa de celebração com muita dança, bebida e comida nesses dias até que a nova *outsü* esteja preparada para exercer seu ofício.

Importância do Sonho dentro das Práticas Curativas das Mulheres *Outsü Wayúu*.

O sonho constitui um elemento importantíssimo para entender as práticas curativas da cultura *wayúu*. Há homens e mulheres guajiros “sonhadores”, mas as mulheres xamãs - em particular - possuem sempre esta qualidade. Quando uma *wayúu* é “sonhadora”, seu espírito se desliga de seu corpo e anda livre para comunicar-se com os demais espíritos que lhes transmitirão os fatos por acontecer. Os espíritos aliados da xamã se valem deste meio para comunicar o futuro, mostrando-lhe os meios para prevenir os males que possam acontecer. Então os sonhos se convertem para elas em um instrumento premonitório do achado, diagnósticos e tratamentos assim como de prevenção de doenças e acidentes, ou seja, através dos sonhos ela saberá como e quando aplicar esses conhecimentos recém adquiridos que depois se transmitirão de geração em geração, de avós e mães às filhas.

Parafraseando a Michel Perrin (1990:6), alguns sonhos dão a inquietante impressão de que existe outro mundo desconhecido, inacessível ao ser que está acordado, e disso nasce a idéia - disse o autor - de que existe uma irremediável descontinuidade entre o mundo real e o mundo onírico. Então, a experiência do sonho e de sua interpretação sempre põe interrogações ao homem, e em todas as sociedades suscitam-se diversas criações intelectuais, simbólicas e religiosas, as quais, indubitavelmente, refletem a capacidade da unidade do espírito humano e a diversidade dos ricos universos culturais do mundo. Cada sociedade milenar imaginou a existência de

relações entre o sonho e o estado de vigília, por assim dizer. Daí vem a noção de alma, noção universal quando, em seu sentido mais amplo designa uma entidade que pode separar-se do corpo. (Perrin, 1990:7). Aliás, muitas sociedades ameríndias e do mundo, associam a noção da alma, ao sonho, à doença e à morte. Assim, cada cultura integra estes conceitos dentro de seu universo mítico-lógico em forma específica e particular.

Na cultura *wayúu* ou guajira, o sonho é como um ambulante noturno da alma. O sonho é uma separação momentânea e a doença sua vagabundagem prolongada e até definitiva. Estabelece, ademais, uma comunicação indireta entre o “mundo de cá” e o “outro-mundo”, que utiliza como mediadores aos espíritos aliados das xamãs. Estas últimas estão capacitadas para comunicarem-se quando quiserem com o “outro-mundo”. No caso dos sonhos que relatam procedimentos e indicações para os doentes, estes devem também ser executados imediatamente. Isto se logra mediante a celebração de certos rituais e cerimônias, a preparação de bebidas a base de plantas, a aplicação de massagens, jejuns, oferendas ou qualquer outro tratamento indicado pelos espíritos.

Categorias e Tipos de Doenças *Wayúu*.

Existem dois termos guajiros para designar a doença: *ayuulee* e *wanülüü*. O termo *wanülüü* também designa um ser “sobrenatural” muito temido pelos *wayúu*, por ser um dos nomes por meio do qual a xamã designa os espíritos aliados que lhe permitirão diagnosticar, tratar e curar os pacientes. Os *ayuulee* são seres malignos que provocam doenças alojadas em qualquer parte do corpo. Os *ayuulee* são serventes de *wanülüü* para que ataquem e faça padecer a sua vítima de prolongados males e doenças.

As doenças *ayuulee* reagrupam outras de evolução um pouco lenta e comuns que se manifestam de forma “natural”, geralmente doenças “novas”, infecciosas. Quando não se acode à xamã senão à erva-terra ou qualquer outra especialista em plantas medicinais, é porque se considera que o problema de saúde é do tipo *ayuulee*, ou seja, seus sintomas não são para se preocupar. Os sintomas deste tipo de doenças guajiras são definidas e precisas do corpo, como por exemplo, uma inchação (*ourulaa*), uma pancada severa ou traumatismos (*pasiruawaa*), reumatismo (*uyaliyuwaa*), problemas digestivos como obstipação (*meitüinee*), diarréias (*e'ijaa*) ou em

alguma parte específica do corpo como o coração (*aiwaa ale'ee* ou *aiwaa a'inn*), febres (*karawaa*) ou tosse (*oononóo*).

As *eraajü'u wunu'u* ou conhecedoras de ervas e plantas medicinais comumente conhecem outras técnicas para precisar diagnósticos como tomar o pulso (*atūnala*), olhar e cheirar a urina e fezes, olhar o aspecto dos olhos e outros mais. Estes e outros métodos tradicionais como o massagear (*alajaa* ou *ayajaa*), ou friccionar a parte dolorida (*ashuhjaa*), tratar com pontas de fogo (*asijawaa*), dar banhos ou compressas com água morna (*olo'joosükawin payalasü*), soprar com águas ou mascar tabaco (*ojuujaa*) são alguns dos mecanismos comumente utilizados por este tipo de especialista e para este tipo de categoria de doenças. Embora não se exclui que possam ser aplicados também por algumas mulheres *outsü* ou *xamã*.

As doenças *ayuulee* se agrupam em: 1) ocasionadas por águas contaminadas, geralmente pelas chuvas (*ayuulee sūnainjeetatü wūin*); 2) as ocasionadas pelo vento, ar e pó (*ayuulee sūnainjeejatü joutai*); 3) as ocasionadas por contato com coisas sujas (*ayuulee sūnainjeejatü rerechi*). Todas as doenças de tipo *ayuulee* antes mencionadas, estariam nesta categoria.

O segundo e grande grupo de doenças, são as designadas pelo nome de *wanülüü*. Distinguem-se das *ayuulee* por seu caráter angustiante e os guajiros a tomam de uma maneira diferente. O feito de apelar a uma mulher *outsü*, significa que essa doença ou problema é de tipo *wanülüü*. Às vezes, apresenta-se quando já os tratamentos anteriormente utilizados são insuficientes e ineficazes; também quando já não há medicamentos possíveis (*mesipalü*), se a doença aparece prontamente ou de surpresa (*aapuwaa*) ou se seus sintomas são angustiantes e têm certa gravidade, como no caso de um desmaio (*outūshichajawaa*), debilidade cardíaca (*matsūinwaa tüü aa'inkat*), dores violentas, hematoses e outros mais.

Quando um doente é declarado por sua mesma família como *māyeinshi ma'in* é porque está muito grave e requer ser examinado por uma mulher *outsü*. Esta deve determinar a origem do mal. Geralmente é por uma causa “sobrenatural” e deve intervir ante o “outro-mundo” para lograr sua cura, que primeiramente consiste no retorno da alma (*a'ain*) ao paciente, antes deteriorada ou roubada por esses seres sobrenaturais que rodeiam toda a Península da Guajira.

Dentre das doenças de tipo *wanülüü* distinguem-se três grandes tipos:

1) as chamadas (*ousutawaa* e *kaliaa*) que significam “encontrar”. Trata-se de “encontros” com seres sobrenaturais, às vezes malignos, que fazem do doente sua vítima, ferindo-lhe com flechas ou roubando sua alma. Uma das doenças mais comuns do tipo *wanülüü* se chama *kaliaa sütüma wanülüü* ou “estar ferido por *wanülüü*”. Geralmente não se sente sintomas imediatamente, senão várias horas depois ou dias. Na mesma categoria de “encontros” está o mal chamado *akalapüisiraa* ou “ser vítima dos *akalapüi*”, que são homens pequenos ou “anãos” que atacam aos *wayüu*, penetrando em seus orifícios jogando com seus órgãos sexuais, transformando assim as suas vítimas em quase mudas devido às dores. A doença *püloowisiraa* adquire-se passando perto de lugares *pülowi* que é onde moram esses seres sobrenaturais do sexo feminino do mesmo nome.

2) O segundo tipo de doença *wanülüü* são chamadas pelos guajiros de *yolujaa* ou “ser a presa de *yolujaa*”. Estas são atribuídas aos espectros ou fantasmas dos mortos mais recentes que andam vagando por ali. Também penetram os corpos dos indivíduos para desenvolver doenças com a finalidade de retirar a alma de sua vítima. Pode ser ocasionada por um olhar de um *yolujaa* de volta à terra dos vivos na noite, ou através de um sonho. Ainda se pode contrair este mal ao consumir comida tocada por esses seres.

3) No terceiro lugar encontramos o grupo de doenças chamadas de *apülainwaa* ou “contaminações”. Estas são provocadas por mulheres que tenham manipulado anteriormente ossos de defuntos, do “segundo enterro”, ou de cadáveres e vítimas de assassinatos. É bom agregar que os animais podem ser agentes de “contaminações” também.

Concluindo, podemos evidenciar do exposto que se as causas que originam estes tipos de doenças são de ordem mágico-mítico-religiosa, os sistemas de cura que têm de se efetuar serão do mesmo tipo, e pelo mesmo é necessário valer-se do trabalho de uma mulher *xamã* ou *outsü*.

Segundo o poeta guajiro já morto Ramón Paz Ipuana (1996:54), existem cinco espíritos do mal que algumas *xamãs wayüu* invocam para sua ajuda nos tratamentos. Estes são *Uchiipülain*, *Juyapülain* *Yolujapülain*, *Jiipülain* e *Ishapülain*, todos *seyuu*. Cada

coisa ou ser possui um *seyuu*; ou seja, possui um espírito. Existe o *seyuu* das árvores, dos homens, dos animais. Os *seyuu* ou espíritos são imortais, não têm nem princípio nem fim, sempre têm existido e se transmitem de um ser a outro na hora da morte para continuar vivendo em outros corpos. Os *seyuu* são muito numerosos, tanto que é impossível contá-los. Cada um atua segundo sua personalidade: há os mansos, anti-sociais, preguiçosos, agressivos e fortes.

Considerações Finais.

“Estamos ante um momento crucial para nossa etnia, sabemos que não temos perdido tudo, que conservamos os aspectos fundamentais da nossa cultura: nossa língua, nossa unidade familiar matrilinear, nossas técnicas para intervir na natureza, nossos próprios deuses. Estamos conscientes de nosso acontecer histórico; partindo de nós mesmos. Compreendemos a necessidade do intercâmbio cultural”. Iris Aguilar Ipuana (Índigena wayuu).

Na prática curativa tradicional de culturas e de outros tempos sempre se tem considerado como passos importantes da humanidade o aproveitamento da natureza para assim lograr um certo controle sobre as doenças que acontecem. Esta posição parecia inquestionável, ainda à luz dos avanços logrados na biotecnologia, imunologia e na genética modernas e em descobrimentos de novos critérios de verdade e provas indiscutíveis de todo acerto. Mas junto a estes acontecimentos foi-se gerando uma certa apatia ao ato médico ocidental, porque este privilegia principalmente a natureza biológica e fisiológica das doenças, sobretudo a origem de inúmeras enfermidades que foram acontecendo há mais de 15 ou 20 anos atrás.

O crescente fracasso e nocividade de muitos fármacos e seus altos custos para a maioria da população começaram a erodir cada vez mais a confiança que a medicina moderna tinha conquistado nas décadas de 50 e 60. São precisamente estas crises que fazem a humanidade inteira voltar suas vistas para culturas diferentes, assim como práticas médicas, fundamentadas em outras visões do mundo, em uma variedade de princípios e contextos sócio-culturais.

Este apogeu crescente no estudo das práticas médicas e botânicas tradicionais pelos povos ou culturas indígenas talvez deve-se ao feito destas possuírem um empirismo milenar para o manejo dos recursos naturais, adquiridos através de longos processos de adaptação a diferentes ambientes e condições. Nestes processos

subjaz o desenvolvimento de profundos conhecimentos sobre suas doenças e as causas que as originavam, sempre colocando muita ênfase em sua prevenção e seu tratamento como feitos não apenas biológicos e fisiológicos, senão como situações que afetam todo o conjunto psique-corpo-espírito, onde intervém o pensamento mágico-religioso próprio de cada etnia. Estas práticas médico-mágico-religiosas ancestrais têm se desenvolvido com grande sucesso e eficiência dentro de cada contexto sócio-cultural, embora às vezes culpem-no de uma situação precária e emergente que hoje encontramos nas sociedades indígenas contemporâneas. Achamos que este último deve-se a uma série de fatores como as condições próprias da aparição e reprodução de novas e desconhecidas doenças, e em especial e cada vez mais grave usurpação e perda de seus territórios. Não se trata de uma incapacidade histórica no campo da saúde especificamente.

A Arte curativa das mulheres xamãs guajiras constitui parte fundamental e o eixo de sua vida em sua sociedade. É a mulher *outsü wayúu* a que possui o poder do conhecimento em suas práticas médico-mágico-religiosas. É que tem a virtude e capacidade de comunicar-se com outras forças que para todos são misteriosas e desconhecidas. Sua intervenção na recuperação do equilíbrio perdido entre a mente, corpo e espírito é crucial em sua sociedade, indo além do notório, senão que serve como indício da importância sócio-cultural do mesmo fenômeno.

Resumindo, entendemos que as especialistas wayúu nas práticas médico-mágico-religiosas atuam dentro de um contexto sócio-cultural bem concreto, e é eficiente dentro do mesmo. A eficácia de seus ritos e tratamentos comumente logram o efeito esperado pelo paciente, sua família e a comunidade. A medicina tradicional guajira constitui a sobrevivência de uma expressão cultural ancestral. Além disso é uma expressão da capacidade que têm os próprios povos para defender sua sobrevivência em uma sorte de “cultura de resistência”.

Os wayúu são um povo que tem logrado sobreviver a estes 500 anos de intolerância e espólios, conservando com certo sucesso o essencial de sua cultura que é transmitida de boca a ouvido, de avós a filhas e de filhas a netas. Tudo através da palavra, do exemplo, dos feitos. Dessa maneira, continuam transmitindo seus segredos, seus saberes que durante muitos anos esta grande e coerente cultura tem gerado e combinado eficientemente, ainda tomando feições e

elementos característicos de otras culturas para incorporá-los à sua com seu próprio carimbo de distinção e particularidade.

Bibliografia

ARDILA, Gerardo et al. **La Guajira**. Bogotá: Centro Editorial Fondo FEN, 1990.

BALLADELLI, Pier. **Entre lo mágico y lo natural: La Medicina Indígena**. Quito: Ediciones Abya-yala, 1988.

CASTANEDA, Carlos. **El Conocimiento Silencioso**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1988.

ELIADE, Mircea. **El Chamanismo y las Técnicas Arcaicas del Extasis**. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

GARCIA, María. **La Etnomedicina Indígena: Una opción para la Medicina Moderna Occidental**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1979.

GOULET, Jean-Guy. **El Universo Social y Religioso Guajiro**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1981.

JIMENO, M. et al. **Medicina, Shamanismo y Botánica**. Bogotá: Ed. Presencia LTDA, 1983.

LEVI-STRAUSS, C. **El Pensamiento Salvaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

LOVERA, Miguel A. **Medicina Mágico-Religiosa**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1988.

MARTINEZ, Miguel. **La Investigación Cualitativa-Etnográfica**. Caracas: Ed. Texto SRL, 1991.

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Atica, 1986.

MOSONYI, Esteban. El Idioma Guajiro. In: **Separata del Boletín Indigenista Venezolano**. Caracas: Fundación La Salle, 1975.

PAZ, Ramón. Cultura, Literatura y Cosmovisión Wayúu. (Por Publicar), 1996.

PERRIN, Michel. El Camino de los Indios Muertos. Caracas: Monte Avila Editores, 1980.

ROSALES, María. El Quehacer Curativo de las Mujeres Outsü (Xamá) en la Etnia Wayuu: Su Vigencia. (Por publicar), 1996.

TILLET, Stephen. Guia Introductoria de Etnobotánica. Caracas: Servicios Gráficos de la Facultad de Farmacia de la Universidad Central de Venezuela, 1995.

TURNER, Víctor. La Selva de los Símbolos. Espana: Editores S. XXI, 1980.